

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-002

Entrevistado: José João dos Reis

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 12/09/2006

Horário da entrevista: 16h15min

Duração da entrevista: 55min57seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação das entrevistas:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Solano Soares (EMVIDEO)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 02/10/2006

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 04/11/2006

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo?

José Reis – José João dos Reis.

Keka Simões – O senhor tem algum apelido?

José Reis – Reis.

Keka Simões – Como o senhor prefere ser chamado?

José Reis – Pode ser Reis. É mais fácil.

Keka Simões – Onde o senhor nasceu?

José Reis – Diogo de Vasconcelos¹.

Keka Simões – Qual é a data de nascimento do senhor?

José Reis – Oito de fevereiro de 1925.

Keka Simões – Como se chamavam seus pais?

José Reis – Raimundo Rosa dos Reis e Ana Feliciano da Anunciação.

Keka Simões – O seu pai trabalhava em quê?

José Reis – Na roça. Era agricultor.

Keka Simões – Sua mãe trabalhava na roça ou ficava em casa?

José Reis – Ela não parava! Fazia colchão para o Seminário, colchão de capim. [riso]

Keka Simões – Para o Seminário de Mariana²? Olha!

José Reis – É.

Keka Simões – O senhor tem ou teve irmãos?

José Reis – Tenho.

Keka Simões – Quantos?

José Reis – Nove.

Keka Simões – E em que eles trabalhavam?

José Reis – Nove comigo. Um trabalha na Vale do Rio Doce³, o José Bonifácio; esse outro trabalha aqui em Mariana fazendo faixas, o José

¹ Município de Minas Gerais.

² Seminário Maior de São José.

³ Companhia Vale do Rio Doce.

Raimundo; e o caçula, que é o Cássio⁴, diz que trabalha em Belo Horizonte, mora em Belo Horizonte⁵.

Keka Simões – Esses são os seus filhos. Os irmãos do senhor trabalharam ou não na ferrovia?

José Reis – Não, coitados! Tudo na roça.

Keka Simões – Só o senhor foi para a ferrovia?

José Reis – É, só.

Keka Simões – Quando o senhor começou a trabalhar na ferrovia?

José Reis – Comecei a trabalhar no dia 22 de junho de 1950.

Keka Simões – Por que o senhor foi trabalhar na ferrovia? Como foi?

José Reis – Eu fiz um concurso de Matemática e de Português. Depois fui ao Rio⁶ fazer o exame de telégrafo⁷ e o resto dos exames de seleção, entendeu?

Keka Simões – Então o senhor fez o concurso para ser telegrafista?

José Reis – É.

Keka Simões – Antes o senhor trabalhou em algum outro lugar?

José Reis – Não, que eu me lembre, não.

Keka Simões – O senhor sempre foi telegrafista?

José Reis – É.

Keka Simões – Onde o senhor trabalhou? Além de Mariana, o senhor trabalhou em outros lugares?

José Reis – Mariana, Barão de Cocais⁸, Miguel Burnier⁹, entendeu?

Keka Simões – O senhor trabalhou em Ouro Preto?

José Reis – Trabalhei em Ouro Preto.

Keka Simões – Qual era o horário de trabalho do senhor?

José Reis – Era pernoite.

Keka Simões – Ah... Era pernoite?

⁴ O entrevistado não mencionou os nomes completos e, aqui, se confundiu: ao invés de falar sobre a profissão dos irmãos, falou sobre a dos filhos.

⁵ Capital de Minas Gerais.

⁶ Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, onde se localizava a sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

⁷ Primeiro aparelho que permitiu a comunicação à distância através de fios e da eletricidade. A informação pode ser transmitida desde que se adote um código previamente estabelecido, tal como o Código Morse, nome dado em homenagem a seu inventor.

⁸ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal de Nova Era, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁹ Distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

José Reis – Era. A gente entrava às sete horas da noite e saía às sete do outro dia¹⁰.

Keka Simões – Dois telegrafistas ficavam lá ou era só o senhor?

José Reis – Era só eu. Mas ficava esse período todo.

Keka Simões – Quando o senhor não estava lá, tinha jeito de usar o telégrafo?

José Reis – Não.

Keka Simões – Nesse horário de trabalho, tinha intervalo para descansar?

José Reis – Tinha. Se trabalhasse à noite, folgava o outro dia todinho. Só ia trabalhar no outro dia. Folgava.

Keka Simões – Na hora em que estava na sala do telégrafo, o senhor ficava o tempo todo lá ou tinha um horário, por exemplo, para comer, alguma coisa assim?

José Reis – Ah, isso tinha! Tinha o horário da refeição, entendeu?

Keka Simões – Quem fornecia as refeições? O senhor trazia?

José Reis – A minha dona era viva e mandava a marmita para mim.

Keka Simões – O senhor tinha direito a férias?

José Reis – Ah, tinha!

Keka Simões – Quando o senhor estava de férias, ou no dia de folga, o que o senhor gostava de fazer?

José Reis – Descansar.

Keka Simões – Descansar? Ficava em casa?

José Reis – Em casa, descansando.

Keka Simões – O senhor sabe se os demais ferroviários gostavam de ficar em casa ou de fazer alguma outra coisa?

José Reis – Ah, não sei, não! Tinha o Emílio¹¹ e outros lá. Leonel de Oliveira e Souza¹², maquinista¹³. José Alves Ferreira¹⁴ também era maquinista – o corredor da turma, corria demais com a Maria Fumaça!¹⁵

Keka Simões – Ah, é? Ele corria muito?

¹⁰ Das 19 horas às sete horas da manhã seguinte.

¹¹ Emílio Fonseca Oliveira, entrevistado pelo Vale Registrar.

¹² Entrevistado pelo Vale Registrar.

¹³ Profissional responsável por operar a locomotiva.

¹⁴ Funcionário aposentado da Estação Ferroviária de Mariana.

¹⁵ Apelido de locomotiva movida a vapor.

José Reis – Naquele tempo usava-se somente a Maria Fumaça. Depois veio a máquina a diesel. A Maria Fumaça fazia o expresso de Ponte Nova¹⁶ a Belo Horizonte¹⁷. Eu lembro como se fosse hoje.

Keka Simões – O senhor lembra mais ou menos quando a Maria Fumaça parou de ser usada e quando veio a máquina a diesel?

José Reis – É disso que eu não estou certo.

Keka Simões – Não tem problema, não. Se lembrar, o senhor me fala, está bom?

José Reis – Está.

Keka Simões – A ferrovia dava algum tipo de auxílio ou benefício aos seus funcionários?

José Reis – A ferrovia dava. Hora extra que a gente fazia eles pagavam direitinho, compreendeu? Porque às vezes era obrigado a fazer hora extra e aí eles pagavam direitinho.

Keka Simões – Tinha assistência médica?

José Reis – Ah, isso tinha!

Keka Simões – Onde funcionava?

José Reis – Era aqui, oh! Aqui mesmo.

Keka Simões – Aqui na Estação?

José Reis – Era. Ali perto, ali atrás. Doutor Otacílio¹⁸ era o nosso médico.

Keka Simões – E, por exemplo, os senhores tinham passe para andar no trem?

José Reis – Tínhamos passe grátis.

Keka Simões – A família tinha?

José Reis – Tinha também. Tinha que fazer um requerimento para o chefe conceder, mas tinha.

Keka Simões – O senhor entrou quando ainda era a Estrada de Ferro Central do Brasil...

José Reis – Era.

¹⁶ Município de Minas Gerais, onde terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁷ Por Belo Horizonte passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

¹⁸ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Keka Simões – E o senhor era o telegrafista. A quem o senhor era subordinado?

José Reis – Ao escalante. Chamava-se José Ferreira e ficava em Belo Horizonte. Ele determinava onde eu ia dar férias, folga... Ribeirão¹⁹, Monsenhor Horta²⁰, Furquim²¹, tudo aí. Ele mandava o telegrama para a gente ir dar folga.

Keka Simões – Ele mandava para o senhor avisando quem é que estava de folga e quem é que não estava?

José Reis – Não. Mandava para... “Deveis locomover até Furquim”, por exemplo. Lá tinha o Senhor Albino²². Eta sô! Ele bebia uma pinga que não tinha tamanho, mas também nisso aqui oh²³... Pegava de ouvido até! Porque o telégrafo era muito importante, não é? Eu nunca conseguia pegar só de ouvido, não; tem a fita, ia lendo a fita e batendo... Aí eu saía para dar folga para os colegas – Ribeirão, Monsenhor Horta, Furquim, para baixo também.

Keka Simões – Qual era a função do Senhor Albino em Furquim? Ele também era telegrafista?

José Reis – Era o chefe-de-estação²⁴.

Keka Simões – O senhor se lembra de outros cargos que existiam na Estação ou na ferrovia? O senhor me falou do rondante²⁵...

José Reis – Rondante?

Keka Simões – É. Quem ficava na Estação? Ficava o senhor, que era o telegrafista, e quem mais?

José Reis – Ah! Os serventes ficavam com a gente lá, para dar qualquer coisa e tal...

Keka Simões – Além do servente, o chefe-de-estação também ficava? O agente²⁶...

José Reis – O agente ficava em casa.

¹⁹ Ribeirão do Carmo, distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²⁰ Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²¹ Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²² Albino Gonçalves Moreira.

²³ O entrevistado faz um gesto indicando o uso do Código Morse.

²⁴ Profissional responsável por coordenar as atividades realizadas em uma estação ferroviária.

²⁵ Trabalhador que executa a ronda, serviço da Via Permanente, para verificação de ocorrências que ponham em risco a circulação dos trens.

²⁶ Agente-de-estação, profissional responsável pelas atividades relacionadas à venda de passagens.

Keka Simões – Ah... Ele ficava em casa?

José Reis – Ele tinha casa perto da Estação. A casa dele era sempre perto da Estação e ele ficava em casa. Agora, quando a gente ia substituir, levava o colchão e dormia na própria Estação, entendeu? E ficava substituindo... Mas o agente, o chefe-de-estação ficava na casa dele; trabalhava só de dia.

Keka Simões – A substituição era no caso de férias de alguém, quando então o senhor, por exemplo, era mandado?

José Reis – Era mandado, vinha ordem de Belo Horizonte: para férias, Fulano, Sicrano, Monsenhor Horta.

Keka Simões – O senhor falou que vinha esse tipo de ordem. Que outro tipo de mensagem o senhor recebia ou enviava? O que se passava pelo telégrafo?

José Reis – Ih! Muita coisa!

Keka Simões – Conta algumas para nós...

José Reis – Para começar, a gente falava com o Rio de Janeiro pelo telégrafo. Transmitiam telegrama, as ordens na fita e mandavam ordem, qualquer coisa. E ordem de serviço também. A gente tinha que ficar a par de tudo.

Keka Simões – Então o telégrafo funcionava só para as coisas relacionadas com a ferrovia?

José Reis – Ah, é! Era só.

Keka Simões – E fora da Estação, que outro tipo de funcionário havia? No trem tinha o maquinista...

José Reis – Maquinista e foguista²⁷, [coitado!]²⁸ Até passava muito mal – fazer fogo à lenha e carvão de Ponte Nova a Belo Horizonte! Ele sofria muito, o Ulisses²⁹, eu me lembro dele. Um se chamava Ulisses. Aí tinha esse que...

Keka Simões – Na Estação, quem dava a ordem para o trem chegar ou ir embora?

José Reis – Era o agente, o que estivesse lá em serviço.

Keka Simões – Para tomar conta da linha, outros funcionários me falaram que tinha o pessoal da Via Permanente³⁰. É isso?

José Reis – É, Via Permanente.

²⁷ Profissional responsável por manter o forno das locomotivas à lenha em funcionamento.

²⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁰ Setor responsável pela construção e manutenção de vias férreas, de forma a assegurar que elas estejam em perfeito estado.

Keka Simões – O rondante ficava nessa Via Permanente?

José Reis – O rondante ficava à noite. Se tivesse qualquer problema para vir o trem, compreendeu...?

Keka Simões – Ele andava na linha?

José Reis – Andava a linha toda, daqui a Ouro Preto.

Keka Simões – Se tivesse algum problema, como ele comunicava à Estação? O senhor lembra?

José Reis – Tinha um negócio que ele pegava e jogava no fio e conseguia falar com a Estação. Ele tinha um telefone. [riso]

Keka Simões – É o que eles chamavam de seletivo³¹?

José Reis – É... É seletivo, sim.

Keka Simões – Tinha algum regulamento que todos os funcionários deviam seguir para trabalhar na...

José Reis – Ah, tinha!

Keka Simões – O senhor lembra o que tinha nesse regulamento?

José Reis – O regulamento era o seguinte: não podia falhar, não podia chegar atrasado. Tinha que chegar ali em cima da hora. Tanto o auxiliar... Compreendeu? Todos tinham que chegar na hora!

Keka Simões – E se por acaso alguém não cumprisse o regulamento, havia alguma penalidade?

José Reis – Tinha.

Keka Simões – O que acontecia com quem não cumpria?

José Reis – Ah... Afastava de serviço.

Keka Simões – Acontecia muito isso, Senhor Reis, ou não?

José Reis – De vez em quando.

Keka Simões – É?

José Reis – Oh! Eu estava trabalhando em Mário Castilho e... Não é do seu tempo o trem de luxo, o trem de aço. Já ouviu falar?

Keka Simões – Trem de aço?

José Reis – É, daqui para o Rio.

Keka Simões – Já ouvi falar.

³¹ Aparelho tipo “telefone” utilizado para comunicação interna da ferrovia.

José Reis – Então, pedia licença para a gente; eu, no Mário Castilho, avisava o guarda-chave para abrir o sinal. Um dia aí... Eu avisei o guarda-chave, e ele dormiu. Aí com pouco o bicho berrou lá no sinal. Eu falei: “[inaudível] Olha o D4³² no sinal!” Ele acordou, abriu e tal. E passava na Estação... Tinha um arco de bambu onde a gente punha a licença – o foguista pegava aquele arco, tirava a licença e jogava o arco outra vez para a gente, compreendeu?

Keka Simões – Ah, era assim que se pegava a licença? Não parava, passava...

José Reis – Aquele que não parasse...

Keka Simões – Era assim com aquele que não parava.

José Reis – Estação pequena era assim. De Belo Horizonte a Lafaiete³³, ele parava só em Congonhas³⁴, em umas duas ou três estações só. No mais, tudo oh! Passava direto.

Keka Simões – Mário Castilho era uma estação?

José Reis – Era um posto de serviço, não é?

Keka Simões – Onde fica, mais ou menos? Para que lado?

José Reis – Perto de Lafaiete.

Keka Simões – Os funcionários usavam algum tipo de uniforme?

José Reis – Ah, tinha!

Keka Simões – O senhor lembra como era?

José Reis – Todos tinham uniforme, boné, tudo.

Keka Simões – De que cor?

José Reis – Azul-marinho.

Keka Simões – Paletó?

José Reis – Paletó, calça, tudo certinho. Até os funcionários tinham que ter uniforme também... O agente nem se fala! Tinha que estar uniformizado, boné... Tudo em cima da pinta³⁵!

Keka Simões – Todo mundo ficava de azul ou tinha diferença? Por exemplo, quem trabalhasse no trem usava uma cor; quem trabalhasse na Estação usava outra?

³² Prefixo de um comboio.

³³ Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Variante do Carandaí, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

³⁴ Congonhas do Campo, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

José Reis – Não. Cada um trabalhava com uma cor que quisesse também. Não era obrigado a trabalhar só de azul, compreendeu?

Keka Simões – O senhor se lembra de algum apelido que os funcionários davam para alguma coisa? Por exemplo, alguém já me falou que a carteirinha que os senhores tinham era chamada de careta³⁶, passe-careta. Havia assim algum nome ou apelido que vocês davam para outra coisa?

José Reis – Não. Não lembro.

Keka Simões – Do passe-careta o senhor se lembra?

José Reis – Também não.

Keka Simões – Agora, vamos passar para os prédios da Estação. O que existia aqui na Estação? Nesse prédio que existe hoje funcionava o quê?

José Reis – Funcionava... O telégrafo! E tudo. O telégrafo era o principal para licenciar o trem, mandar embora. Teve uma vez que um colega perturbou... Nossa Senhora! Ele pôs a licença do lado errado. Vinha o N1³⁷ do Rio e o moço do cargueiro estava tonto. O foguista falava: “Oh, essa licença não é nossa, não.” “Ah, é nossa mesmo. É porque nós vamos cruzar lá em cima. O N1 está atrasado!” E não estava nada! O foguista foi, estava mais ou menos de orelha em pé. Quando viu o clarão, ele pulou e saiu rolando. Agora, as duas máquinas... Uma entrou dentro da outra. Foi o maior... Na Serra da Mantiqueira³⁸. Foi um dos maiores desastres ferroviários.

Keka Simões – Porque colocaram a licença do lado errado.

José Reis – Foi.

Keka Simões – Então é um trabalho de muita responsabilidade, não é?

José Reis – Ih! Nossa Senhora! Muita mesmo.

Keka Simões – O que funcionava nessas outras construções aqui perto da Estação? Ali na frente existem umas construções...

José Reis – Ali funcionava o consultório médico, não é? Doutor Otacílio... E também o... Tinha o local onde o maquinista e os foguistas, quando chegavam tarde, dormiam também.

³⁵ No sentido de que o uniforme deveria estar impecável.

³⁶ Passe que dava direito à gratuidade no transporte ferroviário aos funcionários da ferrovia. Por possuir uma foto do funcionário, apelidaram-no de “careta”.

³⁷ Prefixo de um comboio.

³⁸ Maciço rochoso que possui grandes áreas de terras altas (entre 1000 a 3000 metros de altitude), com aproximadamente 500 km de extensão. Inicia-se próximo à cidade paulista de Bragança Paulista e segue para

Keka Simões – Ah, tinha o dormitório?

José Reis – Dormitório, para sair no outro dia.

Keka Simões – O senhor entrou nesse dormitório? Como ele era?

José Reis – Não... É dormitório comum.

Keka Simões – Comum? Quarto separado?

José Reis – Quarto, é. Chegava... Havia os fiscais também... Tempo de congoneiros³⁹, Nossa Senhora! Congoneiros eram... Não é do seu tempo, mas era uma coisa louca! Porque o povo vinha aqui de baixo, daqui para lá de Ponte Nova, para ir a Congonhas assistir... Lá tinha um negócio... Eles vinham de baixo aí.

Keka Simões – É a Festa do Bom Jesus?

José Reis – É. Festa do Bom Jesus, mesmo.

Keka Simões – Além dos funcionários, outras pessoas tinham acesso à Estação? Podiam entrar?

José Reis – Podiam entrar, chegar, conversar com a gente. Entrar no trabalho, no lugar de trabalho, não podiam, não. Mas conversavam assim pela portinha, qualquer coisa que quisessem e tal, compreendeu? Chegavam e tinham essa saída.

Keka Simões – E aqui tinha o armazém, não tinha? Armazém onde se guardavam as coisas e...

José Reis – Coisas da própria estrada. Mandava para vender para os funcionários.

Keka Simões – Ah, é? O que vinha? Mantimento?

José Reis – Vinha, vinha também. Tinha a Companhia da Passagem, a Mina da Passagem⁴⁰ – vocês já devem ter ouvido falar, não é? Então, teve uma tromba d'água e os coitados estavam lá dentro trabalhando. Morreu muita gente! Muitos morriam também com o veneno que saía do minério. Para ter ouro, o minério tinha um veneno danado: arsênico. Então os coitados ficavam... Morriam de tuberculose e tal, entendeu? Era muito triste. Agora, na Passagem

o leste delineando as divisas de três estados brasileiros – São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais – até a região do Parque Nacional do Itatiaia, adentrando, então, Minas Gerais, até a cidade de Barbacena.

³⁹ Nome dado aos fiéis que, em setembro, se dirigiam ao Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo.

⁴⁰ A Companhia Minas da Passagem se localizava em Passagem de Mariana, distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O distrito possuía uma estação ferroviária.

tinha o que era dono da ferrovia e de tudo aí – chamava-se Senhor Júlio Mourão Guimarães.

Keka Simões – Da Mina da Passagem?

José Reis – Da mina e dos trens. Era ele que mandava em tudo, entendeu?

Keka Simões – Dos trens de Passagem? O ouro era levado pelo trem?

José Reis – Não. O ouro era tirado, apurado e levado por pessoa, até para Portugal. Foi muito ouro para lá.

Keka Simões – As coisas, por exemplo, os equipamentos para a Companhia vinham de trem?

José Reis – Ah, vinham... Vinha de trem muita coisa! Eu trabalhava na Estação da Passagem: vinha vagão de açúcar para a Companhia, vagão de farinha, tudo quanto havia vinha em vagão. Chegava o vagão e a gente avisava o encarregado. Ele mandava encostar o vagão, ia com o caminhão e descarregava, entendeu? Um tal de Toti⁴¹ era o chefe.

Keka Simões – Toti?

José Reis – É. Toti era o nome dele. Ia com o caminhão e os trabalhadores tiravam do vagão e jogavam no caminhão para levar para o armazém da Passagem.

Keka Simões – No caso do armazém de Mariana, o senhor lembra que tipo de mercadoria chegava aqui? Que tipo de coisa o trem trazia?

José Reis – O trem trazia isto aí.

Keka Simões – A mesma coisa que levava para lá?

José Reis – Para Passagem, e trazia aqui para Mariana também.

Keka Simões – E o que saía de Mariana? O que as pessoas mandavam para outros lugares? Tinha mercadoria?

José Reis – Tinha. Mandava mercadoria... Os cargueiros levavam as mercadorias, entendeu? Tinha mercadoria, sim.

Keka Simões – Saía animal daqui? Tinha vagão para carregar animal?

José Reis – Tinha, tinha. Boi. Vinha aquela carruagem muito grande trazendo boi. Coitados, certos bois até morriam, porque a viagem era muito longa. Era uma tristeza, sabe? Eu tinha muito dó do boi: ficava sem comer, sem beber água.

⁴¹ O entrevistado não mencionou o nome.

Keka Simões – Até chegar?

José Reis – Até chegar ao destino para ser morto; era levado para o abatedouro.

Keka Simões – Pagava-se alguma taxa para usar os armazéns?

José Reis – Ah, não! Armazém era o dono... Um tal de Senhor Tameirão⁴² era o chefe, mandava no armazém todo.

Keka Simões – No armazém de Passagem ou daqui?

José Reis – De Passagem.

Keka Simões – Aqui tinha algum funcionário que ficava por conta do armazém?

José Reis – Não.

Keka Simões – Não?

José Reis – Não. Aqui não.

Keka Simões – O senhor ficava na Estação geralmente a noite toda, não é?

José Reis – Quando eu estava de pernoite, ficava.

Keka Simões – Como era feita a segurança da Estação? Havia pessoas próprias para isso ou não?

José Reis – Nada! Antigamente era tudo muito bacana. Hoje [riso] é que está essa onda de coisa, mas antigamente não tinha problema, não. Tudo muito certo, essa coisa.

Keka Simões – E essas casas... Havia umas casas que pertenciam à Estação, não é isso?

José Reis – Pertenciam.

Keka Simões – O senhor se lembra dessas casas? Eram todas iguais?

José Reis – Eram. Tinha o dormitório também, compreendeu? Era tudo aí.

Keka Simões – Quem podia morar nessas casas? Qualquer funcionário?

José Reis – Só os funcionários designados pelo chefe. Se, por exemplo, eles viessem dar umas férias a um outro funcionário daqui, ele ficava, podia ficar nessas casas.

Keka Simões – O senhor já chegou a morar em alguma dessas casas...

José Reis – Não.

Keka Simões – ...da Estação?

⁴² O entrevistado não mencionou o nome completo.

José Reis – Eu ficava assim... Quando tinha que... A gente tinha casa lá perto, mas quando estava de pernoite tinha que ficar ali, tudinho em cima da... Não podia dormir. [riso]

Keka Simões – Sem ser o alojamento, o senhor teve oportunidade de entrar em uma casa onde morava uma família, por exemplo? O senhor lembra como ela era?

José Reis – Ah, lembro! Entrava, uai⁴³!

Keka Simões – Era grande, pequena...

José Reis – Era, era comum.

Keka Simões – Comum?

José Reis – Tinha bastante cômodo sim, entendeu?

Keka Simões – Os funcionários pagavam aluguel para morar?

José Reis – Ah, não pagavam! Não pagavam porque a casa pertencia à Estrada⁴⁴ também.

Keka Simões – No caso do dormitório, quem dormia lá? Era o maquinista, o foguista?

José Reis – É, e coisa e tal... E o [inaudível]. Quando era tempo de congoneiro, tinha o SO3⁴⁵ que morria aqui: vinha de Congonhas e morria aqui, onde pernoitava, e ia para Jequeri⁴⁶ no outro dia.

Keka Simões – Eles pernoitavam aqui?

José Reis – Pernoitavam. E os coitados ficavam com muito frio, porque estava fazendo muito frio. Me pediam para dormir no carro. Eu falava: “Oh, vocês só esperem os fiscais entrarem para o dormitório deles. [riso] Aí vocês podem. É só não fazer bagunça e tal”. Então todo mundo ia dormir no carro por causa do frio que fazia.

Keka Simões – Então os fiscais tinham dormitório separado?

José Reis – Tinham.

Keka Simões – Ah, era tudo separado!

José Reis – Era tudo separado dos outros funcionários.

⁴³ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

⁴⁴ Estrada de Ferro Central do Brasil.

⁴⁵ Prefixo de um comboio.

⁴⁶ Município de Minas Gerais.

Keka Simões – Qual tipo de trem trafegava por aqui? O senhor já falou do carro passageiro, não é? Que outro tipo de carro existia? Tinha trem passageiro...

José Reis – Tinha, tinha. O SO4, SO1⁴⁷... O SO1 saía de Belo Horizonte e costumava cruzar aqui com o SO4, que saía de Ponte Nova, entendeu? Nesse ínterim, os cargueiros iam levando carga, não é? O de passageiro, levando gente, e os cargueiros levando cargas, compreendeu?

Keka Simões – Como era montada a composição do trem? Tinha a locomotiva, a máquina. Qual carro vinha depois?

José Reis – O carro do chefe-de-trem⁴⁸ era ligado na locomotiva. Tinha um carro só para o chefe-de-trem, sabe?

Keka Simões – E depois vinha o carro de passageiro?

José Reis – Depois os de passageiros: primeira e segunda classes.

Keka Simões – Qual vinha na frente: a primeira classe ou a segunda?

José Reis – A segunda. A primeira vinha atrás.

Keka Simões – A última era a primeira classe?

José Reis – Era.

Keka Simões – Por que a última era a primeira classe? O senhor lembra?

José Reis – Eu não lembro. A ordem era esta: segunda na frente, primeira na última.

Keka Simões – Tinha diferença entre os carros de primeira e de segunda?

José Reis – Ah, tinha! De segunda era madeira pura, e de primeira tinha almofada⁴⁹, direitinho e tal.

Keka Simões – De que material era construído o carro, o vagão?

José Reis – Ah, não sei!

Keka Simões – O senhor não sabe?

José Reis – Isso eu não sei, não. O material era muito, muito forte, não é?

Keka Simões – Os carros tinham banheiro?

José Reis – Ah, tinham, tinham!

Keka Simões – Onde era feita a limpeza desses carros?

⁴⁷ Prefixos de comboios.

⁴⁸ Profissional responsável por coordenar as atividades realizadas em um comboio.

⁴⁹ Refere-se aos assentos dos vagões de primeira e de segunda classe.

José Reis – Era feita nas estações, quando o trem chegava. Os empregados lavavam, limpavam tudo direitinho.

Keka Simões – Tinha algum tipo de sinal que indicava a chegada e a partida do trem?

José Reis – Tinha. Tinha um sinal antes, bastante retirado... Se fosse... Se ele não pudesse entrar – às vezes tinha trem manobrando – então ele parava no sinal. Mas esse trem D4, de luxo... D4, D3, esses não podiam parar, não. Podia parar cargueiro, essas coisas e tal. Esses paravam até dar marco. Marco é o seguinte: tem uma linha aqui e outra aqui. Aqui tem um marco grande, daqui para lá não podem ir dois trens, porque senão...

Keka Simões – Vão bater.

José Reis – Eles vão bater. Então tinha que ir até ao marco só, entendeu?

Keka Simões – O senhor já falou um pouquinho sobre como era feita a comunicação. No caso do trem de carga, que não tinha um horário fixo para chegar...

José Reis – Não tinha, não.

Keka Simões – Como os agentes da Estação sabiam da chegada desse trem?

José Reis – Pelo telégrafo. Pedia pelo... Eles tinham o... Tinha a... Cada um tinha o seu nome. Por exemplo: passageiro era expresso; e trem de carga... Era trem de carga mesmo entendeu?

Keka Simões – O senhor falou de um acidente que aconteceu porque pegaram a ordem do lado errado. Que tipo de problema ou de acidente mais acontecia ou que podia acontecer com o trem ou com a linha do trem?

José Reis – Com a linha... Se o guarda-chave, que mandava o trem para tal linha assim, assim... Era para entrar em tal linha... O guarda-chave era quem fazia a chave para o trem entrar, entendeu? Agora, esse acidente foi muito triste porque... Na Serra da Mantiqueira... O N1 vinha e ia cruzar em uma certa estação, e o cargueiro pegou... O maquinista estava tonto, o agente pôs a licença errada. Aí o cargueiro pegou a licença que era do N1 e o foguista falou: “Oh, Fulano. Essa licença não é nossa.” “Ah, é nossa mesmo! É porque nós vamos cruzar com o noturno. Ele está atrasado lá em cima e tal”. Foi um encontro, uma coisa louca!

Keka Simões – Antes da gravação, o senhor contou um outro acidente que teve aqui perto, chegando a Passagem de Mariana. Não chegou a ter o acidente, mas como foi essa história?

José Reis – Essa história foi... O Senhor Raimundo Müller era o maquinista. Vocês já observaram? Vocês já foram daqui para Ouro Preto?⁵⁰

Keka Simões – Já.

José Reis – Vocês não sabem do lugar, mas tem um lugar onde o trem passa e que vai lá embaixo. O trem descarrilou nesse lugar lá – chama-se Lamounier –, onde ele faz a curva assim oh⁵¹. Descarrilou antes de fazer a curva. E descarrilando, o foguista não tem domínio, o trem pára quando quiser porque os freios não obedecem mais. Quando ele ia fazer... Vinha fora da linha e tal... O pessoal chamou pelo nome de Monsenhor Horta⁵². Parou! Parou na hora H de cair lá embaixo. Aí o pessoal desceu... Você já foi ao túmulo de Monsenhor Horta?

Keka Simões – Já.

José Reis – O pessoal foi lá agradecer, compreendeu?

Keka Simões – No caso de ter algum acidente ou problema na linha, como o socorro era feito?

José Reis – O socorro era o seguinte: se descarrilasse qualquer trem, esse avisava e a máquina que ia fazer o socorro apitava tantas vezes. Aí os coitados dos trabalhadores já sabiam, iam todos para aquele lugar para ajudar no encarrilhamento do trem, compreendeu?

Keka Simões – Ficava muita gente na Estação quando o trem chegava ou ia embora?

José Reis – Vinha, vinha gente demais. Oh! Tempo de Congonhas, conforme estou falando, Nossa Senhora! O SO3 ficava aqui para seguir no outro dia. Eles pediam para dormir dentro do carro por causa do frio. Eu falava: “Vocês esperem os fiscais irem para o dormitório”. Quando os fiscais iam para o dormitório, eles entravam no carro e dormiam. “Não façam bagunça nenhuma!”

⁵⁰ De Mariana a Ouro Preto, através da estrada de ferro, no Trem da Vale.

⁵¹ O entrevistado faz um gesto com a mão indicando uma curva para a direita.

⁵² Monsenhor José Silvério Horta nasceu em São José da Barra Longa, distrito de Mariana, em 20 de junho de 1859. Em 1881, iniciou seus estudos sacerdotais, recebendo o Diaconato na Capela do Palácio Episcopal de Mariana em 1886. No mesmo ano, foi ordenado Presbítero na Capela do Mosteiro das Franciscanas Concepcionistas de Macaúbas e rezou sua primeira Missa Solene. Em 1887 tomou posse da Cadeira de Cônego na Sé de Mariana. Faleceu em 30 de março de 1933.

Keka Simões – O senhor está falando da época de uma festa, quando o trem ficava lotado. Agora, durante a semana, semana normal, tinha algum dia com mais movimento na Estação?

José Reis – Ah, tinha! Todo dia o trem, oh!

Keka Simões – Todo dia tinha muito movimento?

José Reis – É. “Vem o trem, vem o trem e tal”. Não tinha quase... Pela terra, rodovia, não tinha quase nada. Era só pelo trem, entendeu?

Keka Simões – Os passageiros só pegavam o trem nas estações?

José Reis – Só na Estação. Tinham que comprar a passagem.

Keka Simões – Era cara a passagem?

José Reis – Não. Naquele tempo não era cara, não. A gente pegava e vendia... Teve um caso muito engraçado, isso foi verdade. Uma dona vinha trazendo um papagaio [riso] debaixo do banco. Foi verdade... A dona escondeu o bicho lá debaixo do banco, essa coisa toda e tal. Quando o chefe veio picotando as passagens, ele saiu, abanou as peninhas e falou: “Está calor, hein, chefe?” [risos]

Keka Simões – E, Senhor Reis, dentro do trem tinha comércio?

José Reis – Tinha. Tinha carro-restaurante. Carro-restaurante!

Keka Simões – Por exemplo, neste daqui para Belo Horizonte, tinha carro-restaurante?

José Reis – Tinha, tinha. Carro-restaurante.

Keka Simões – Tinha comércio também nas estações?

José Reis – Nas estações vendia-se alguma coisa. Até não podia, não.

Keka Simões – Ah! Não podia.

José Reis – Eles vendiam assim mesmo, nas estações.

Keka Simões – O que acontecia se pegasse alguém vendendo?

José Reis – Ah, eles costumavam até bater nos coitados, compreendeu? Eram pessoas pobres que iam vender, vender banana, fruta e tal. Aí não podia. Mas como o pessoal gostava de comprar... Até batiam neles, coitados, eu lembro.

Keka Simões – E havia algum regulamento que o passageiro do trem tinha que seguir? Tinha alguma norma?

José Reis – Tinha. O passageiro não podia brigar dentro do trem; tinha que se manter quietinho, normal! Se brigasse, se algum tivesse bebido cachaça, era

retirado na primeira Estação. O chefe-de-estação comunicava, chegava à outra Estação e já encontrava lá o soldado esperando.

Keka Simões – Aqui em volta da Estação tinha hotel, pensão? Tinha algum tipo de coisa assim?

José Reis – Tinha.

Keka Simões – O senhor lembra?

José Reis – Tinha, tinha pensão. Bem perto aqui da Estação tinha pensão.

Keka Simões – As pessoas que pernoitavam ficavam nessas...

José Reis – É, nessas pensões. Deitavam-se e tal.

Keka Simões – O senhor lembra se alguma vez um visitante importante, uma personalidade veio aqui de trem?

José Reis – Ah, veio! Quando o chefe... O Presidente da República mesmo, de vez em quando, vinha de trem.

Keka Simões – Ah, é? E aí o trem era especial?

José Reis – Era.

Keka Simões – Como era?

José Reis – Tinha um vagão especial. Ih! Tudo cheio de coisa, aberto, não era igual ao comum, sabe? Quando vinha um chefe, a chefia tinha um vagão especial, entendeu?

Keka Simões – Quando chegava uma pessoa importante, tinha alguma comemoração na Estação? O pessoal vinha [inaudível].

José Reis – Não. [Na Estação e na cidade]⁵³.

Keka Simões – Na cidade.

José Reis – Às vezes tinha alguma festa, alguma comemoração. Ela vinha de trem, a pessoa importante. Entendeu?

Keka Simões – Existia alguma festa feita pelos ferroviários ou para os ferroviários? Algum tipo de comemoração feita por vocês? Um dia especial, uma coisa assim?

José Reis – Não, festa não tinha porque não tinha tempo. Cada um, em dia de folga, queria saber era de descansar. [riso]

Keka Simões – Quando o senhor parou de trabalhar na ferrovia?

⁵³ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

José Reis – Eu trabalhei... Eu parei em mil novecentos... Eu entrei no dia 22 de junho de 1950. Parei em mil novecentos e setenta e tantos.

Keka Simões – O senhor se aposentou na ferrovia?

José Reis – Aposentei porque fiquei doente. Então, eu me aposentei na ferrovia.

Keka Simões – Quando a ferrovia foi paralisada em Mariana, o que o senhor sentiu?

José Reis – Ah! Todo mundo achou muito ruim, não é? Todo mundo.

Keka Simões – Por que as pessoas acharam ruim?

José Reis – Ah, porque já estavam acostumadas, não é? Era Ponte Nova – Belo Horizonte, aquela Maria Fumaça e tal e aí parou. Parou com a Maria Fumaça e começou a vir com as máquinas a diesel. Aí... E está até hoje a máquina a diesel... Maria Fumaça também está. [riso] A Maria Fumaça⁵⁴ de vez em quando vai daqui a Ouro Preto, só que ela é meio fraca. A diesel tem que empurrá-la com os vagões, porque ela não tem muita potência, não. Agora para vir, ela vem sozinha, entendeu?

Keka Simões – O trem deixou saudade, Senhor Reis?

José Reis – Deixou muita saudade, muita mesmo, porque todo mundo gostava de viajar de trem. Era uma maravilha!

Keka Simões – Quando viajava de trem, tinha algum lugar ou paisagem de que o senhor mais gostava, achava bonito?

José Reis – Ah... A gente ia olhando, não é? Aqui, por exemplo, tem a tal de Lamounier, onde até hoje o trem dá uma volta medonha subindo, depois sobe e tal... Eu já falei sobre o descarrilamento, quando todo mundo chamou...

Keka Simões – Por Monsenhor Horta.

José Reis – Por Monsenhor Horta e o trem parou. Esse Senhor Raimundo Müller é parente desses Müller do hotel aí, Hotel Muller⁵⁵. Ele era foguista, sabe? Ou maquinista.

Keka Simões – Maquinista.

José Reis – Leonel, tinha o Leonel, Senhor Raimundo Müller, José Ferreira, compreendeu? Uma turma.

Keka Simões – Uma turma boa, não é?

⁵⁴ Refere-se à locomotiva utilizada pelo Trem da Vale.

⁵⁵ Situado no centro de Mariana, próximo à Estação Ferroviária.

José Reis – Ô turma que deixou saudade! [emoção] Essa Maria Fumaça à lenha e carvão... Eu ficava com muito dó do foguista – ele tinha que manter a lenha ali, porque ela andava por meio da pressão da água. Era até muito importante, era pela água que ela andava, por pressão da água.

Keka Simões – Eder, você tem alguma coisa para perguntar?⁵⁶ Senhor Reis, o que o senhor achou da Maria Fumaça, da restauração da Estação de Mariana e de Ouro Preto? O que o senhor achou disso, desse projeto?

José Reis – Está bom, está bom. Hoje eles mantêm essa Maria Fumaça mais para negócio de turismo, não é? Mas acabou, acabaram mesmo os cargueiros e tudo. E era uma maravilha viajar de trem! Todo mundo... É muito mais confortável de trem. É, uai! Vocês sabem. Tem banheiro, tem tudo e tal, muito bacana a viagem de trem.

Keka Simões – O senhor gostaria de nos contar mais alguma coisa, que eu não perguntei e que o senhor acha importante?

José Reis – Eu já falei a data quando entrei na ferrovia. O que eu achava importante era isso, não é? Vinham os congoneiros de Congonhas e o SO3 pernoitava aí. E fazia muito frio, entendeu? Chegava e todo mundo tinha que descer dos carros. Quando os fiscais iam dormir, eles pediam a gente para... Uns agentes não deixavam, não. Eu deixava dormir dentro do carro; era só não fazer bagunça e ficar direitinho. É isso.

Keka Simões – Então está jóia⁵⁷, Senhor Reis. E o que o senhor achou de vir aqui gravar com a gente? O senhor gostou?

José Reis – Bom.

Keka Simões – Gostou! Então está bom.

José Reis – A gente vai ver isso depois?

Keka Simões – Vai, depois vai ver. Em nome do Trem da Vale, eu agradeço. Muito obrigada pela entrevista.

José Reis – Por nada. Sempre às ordens, entendeu?

[Término da entrevista]

⁵⁶ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

⁵⁷ No sentido de que está bom, satisfatório.